

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci)

Palácio do Planalto, 20 de agosto de 2007

Meu caro vice-presidente da República, José Alencar,

Meu caro presidente do Senado, Renan Calheiros,

Meu caro presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia,

Meu caro ministro Tarso Genro, ministro da Justiça,

Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meus companheiros ministros de Estado José Temporão, Paulo Bernardo, Patrus Ananias, Luiz Dulci, Jorge Armando Félix, José Antônio Dias Toffoli, Matilde Ribeiro,

Nosso querido Márcio Tomaz Bastos, ex-ministro da Justiça,

Governadora do estado do Pará, Ana Júlia Carepa,

Senhores governadores,

Querido Jaques Wagner, governador da Bahia; Eduardo Campos, governador de Pernambuco; Blairo Maggi, governador do Mato Grosso; Paulo Hartung, governador do Espírito Santo; Wellington Dias, do Piauí; Teotônio Vilela, de Alagoas; Marcelo Déda, de Sergipe; Binho Marques, do estado do Acre; Marcelo Miranda, do estado de Tocantins; Waldez Góes, do estado do Amapá,

Senadoras Roseana Sarney, Fátima Cleide e Ideli Salvatti,

Deputados federais Alexandre Silveira, Edson Santos, Paulo Pimenta, Telma de Souza,

Nossa querida Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal, que acaba de ser premiada com 228 medalhas do Parapan-Americano, porque só teve a Caixa Econômica de patrocinador dos Jogos Parapan-Americanos. Então, merece parabéns. Essas palmas foram poucas diante do prazer de ver aqueles meninos e aquelas meninas fazerem um esforço incomensurável e poder provar que para o ser humano, quando ele tem vontade, não existem barreiras, não existe nada que ele não possa vencer. O gol que eu vi da

Seleção Brasileira dos Portadores de Deficiência Visual há muito tempo eu não via nos times normais que jogam o Campeonato Brasileiro.

Meu caro Rubem César, diretor-executivo do Viva Rio,

Professor Ronaldo Teixeira, secretário-executivo do Pronasci,

Companheiros do Ministério da Justiça – eu estou vendo ali o Luiz Fernando, estou vendo o Paulo Lacerda, estou vendo o nosso chefe da Polícia Rodoviária Federal, estou vendo um monte de companheiros que, certamente, trabalharam antes, durante e vão continuar trabalhando depois, para que esse programa dê certo.

Antes de ler, aqui, o meu discursinho, Tarso, na hora em que você estava falando e na hora em que o nosso companheiro estava fazendo a apresentação, uma coisa me chamou a atenção. Eu não sei em quantos momentos na história da segurança pública do Brasil se colocou as políticas sociais como um dos itens para tratar a questão da segurança pública. Porque durante muito tempo, e quem faz política em São Paulo sabe, habitualmente, nas campanhas políticas, as pessoas tentavam ganhar voto apenas passando na rua com um caminhão. Parecia uma cela de cadeia, com artistas vestidos de presidiários, como se nós não tivéssemos que atacar um pouco antes de as pessoas se tornarem criminosas. Ou seja, há ou não há o que fazer? Eu penso que o Programa responde isso.

Segundo, eu penso que a combinação do Programa com o PAC é uma coisa extremamente inovadora e rica. Márcio, você só não pegou mais dinheiro porque você não estava mais no Ministério quando a gente lançou o PAC. Por que, o que significa, na verdade? Por que essa combinação de tantos ministros participando da elaboração de um programa de segurança pública? Por que o Patrus Ananias tinha que participar, por que o Dulci tinha que participar, por que a Dilma tinha que participar, por que a Caixa Econômica tinha que participar, por que os Direitos Humanos tinham que participar, por que a Matilde, da Secretaria da Desigualdade Racial, por que a Nilcéa? É porque, no fundo, no fundo, essa é uma experiência, Tarso, que nós precisamos fazer dar certo. Por enquanto, nós temos uma idéia que vai ser transformada em leis, em decretos, e nós precisamos provar que, ao urbanizar uma favela, se a gente não cuidar de levar, junto com a urbanização e junto com a idéia da segurança

pública, a escola, o posto médico, a área de lazer e outros programas sociais do governo, você não dará conta de resolver os problemas que o Pronasci detectou e que, portanto, são o objetivo prioritário a ser resolvido.

Outra coisa que eu achei extremamente importante é envolver a sociedade. Quando começamos a trabalhar a questão de segurança no Pan, possivelmente muita gente não acreditasse. Aliás, no Brasil, nós estamos com uma mania de torcer pela desgraça. Eu me lembro que quando o Brasil foi jogar a final da Copa América com a Argentina, e eu assisto muito televisão, à meia-noite, uma hora da manhã, gosto de programas esportivos, eu penso que, se fizessem uma votação antes – agora, não, agora todo mundo sabe o resultado –, 90% iam dizer que o Brasil não tinha condições de ganhar da Argentina e que o Brasil iria perder aquele jogo. Se não falassem assim, não entenderiam de futebol, porque era uma coisa lógica. E o Brasil ganhou e virou campeão da Copa América.

Nessa questão da segurança, eu me lembro de quantas dúvidas colocaram na cabeça do povo, de que não ia dar certo o programa de segurança feito para os Jogos Pan-Americanos. Não só deu certo, como tivemos uma experiência extraordinária de envolvimento da sociedade, jovens de quase toda a cidade do Rio de Janeiro participaram, e parece-me que poucos eventos dessa magnitude foram feitos em algum lugar com o sistema de segurança funcionando como funcionou o nosso.

Eu penso que agora uma coisa está sagrada, está garantida – eu me lembro, Márcio, quando a gente discutia isso, ainda em 2004 – nós, hoje, a partir da experiência de envolvimento da sociedade do Rio de Janeiro nos Jogos Pan-Americanos, certamente temos um conjunto de pessoas com *know-how* para que nós levemos essa experiência para outras cidades brasileiras.

Outra coisa importante é que vocês perceberam que o Tarso fez questão de frisar, muitas vezes, na apresentação e no discurso, que nós começamos com 11 territórios, e nesses territórios nós estamos detectando 11 regiões metropolitanas definidas como prioritárias, não em função da vontade política do governador, porque o governador é amigo do presidente ou é amigo do ministro da Justiça, porque ele é do partido tal ou do partido “A”. Não. É pelos números, pelo registro da violência já existente naquela região. Então, nós

vamos tentar, a partir dos 11 territórios mais violentos do Brasil, implantar um programa.

Eu queria só chamar a atenção para amanhã ninguém ficar cobrando: “Ah, mas lançou na segunda-feira e na terça estava tudo do mesmo jeito, não aconteceu nada de novo”. Eu só queria lembrar o seguinte: nós estamos fazendo uma proposta que será executada em cinco anos, desde o orçamento em que o Paulo Bernardo vai ter que se desdobrar nesses três anos e meio. O último ano vai ser para outro governo que estiver aqui, mas já terá que estar no nosso orçamento em 2010, portanto, o orçamento também será nosso e preverá as verbas para 2011. Portanto, é um programa que começa com o orçamento pensado em quatro anos, e as medidas também tomadas de forma gradativa durante os quatro anos. É um programa em que a gente pretende, ao ir aplicando, corrigir aquilo que possa dar errado e tentar aperfeiçoar. Eu estou convencido de que se todos nós, governadores de estado, prefeitos, gente especializada em segurança pública, gente especializada em direitos humanos, gente do Conselho Tutelar, ou seja, tem muita gente no Brasil preocupada com isso. Se nós criarmos em torno do Programa uma corrente positiva, não há por que não dar certo.

Eu queria lembrar que, quando nós lançamos o programa Bolsa-Família, é só vocês recorrerem a quatro anos e meio atrás que vocês vão ver o ceticismo com o lançamento do programa Fome Zero, de que não ia dar certo, de que o programa Luz para Todos não ia dar certo, de que a nossa política econômica não ia dar certo. Como todos nós fizemos curso de perseverança, está dando tudo certo. E este aqui vai dar certo. Ele vai dar certo porque o Brasil precisa disso, os governadores são parceiros disso, os prefeitos são parceiros disso.

Só para vocês terem idéia, essa história, meu querido Tarso, de financiar casa pela Caixa Econômica Federal nós estamos discutindo desde 2004, utilizando os mesmos argumentos que você utilizou aí: é preciso que a gente tire os policiais de situação de risco, em que eles têm vergonha e medo de ser policial ao voltar para casa. E também não podemos fazer um conjunto habitacional que esteja lá carimbado que é um conjunto habitacional da polícia, porque aí será mapeado o ponto de ônibus, a estação de trem, e eles estarão muito mais vulneráveis ainda. Esse trabalho todo prevê não apenas a

segurança do cidadão, mas prevê também a recuperação da dignidade da segurança pública, para que os soldados possam andar orgulhosamente vestidos nas suas fardas sem medo de serem mais fracos do que o crime organizado. Nós temos condições de fazer isso.

Eu queria lembrar vocês o seguinte: nos anos 40, o Brasil descobriu a geografia da fome, que conseguimos equacionar e vencer em nosso governo, libertando mais de 11 milhões de lares da rotina perversa da fome e da insegurança alimentar. Faremos o mesmo agora para enfrentar e vencer a geografia da violência e da criminalidade, que ameaça dividir o território nacional como uma afronta ao Estado, à democracia e ao cidadão. Estamos desencadeando, a partir desse momento, um conjunto de 94 medidas destinadas a enfrentar e vencer o crime organizado nos seus 11 principais redutos de atuação em todo o território nacional. Vamos apertar o cerco do Estado contra o banditismo e estreitar os laços de cidadania com as populações e os lugares mais vulneráveis e tradicionalmente esquecidos pelo poder público brasileiro.

Essa é a essência do Pronasci, que começa a ser implantado hoje com investimento de 6 bilhões e 700 milhões de reais nos próximos cinco anos. É preciso fazer o possível para transformar redutos do crime organizado em ambiente de paz e cidadania, com ação policial necessária e competente, políticas públicas abrangentes e resgate social.

O que estamos deflagrando não é tão somente uma agenda de governo. Na verdade, talvez seja a mais séria disputa da nossa geração, aquela da qual depende a convergência do nosso futuro e a própria unidade do nosso País. O crime organizado, a exemplo da miséria, e talvez fosse mais correto dizer, valendo-se em parte dela, pretende substituir nosso território físico e social por um odioso *apartheid* de medo e opressão. Recuar diante desse desafio seria renunciar à construção de uma sociedade integrada pela democracia e pelo bem-estar coletivo.

Sabemos onde se dá a base da disputa. Com o Pronasci mapeamos territórios e carências, definimos obras, ações e ofensivas mas, sobretudo, temos consciência de que a mãe de todas as batalhas consiste em conquistar corações e mentes dos pais, das crianças e da juventude, grande parte vivendo no abandono, nas periferias das regiões metropolitanas em todo o País.

O Pronasci integra uma gigantesca ofensiva do Estado de direito e do direito ao Estado, para devolver o direito à vida e ao sonho para a grande maioria do povo brasileiro. Vamos associar segurança pública a investimentos maciços em oportunidades, equipamentos, formação de policiais e lideranças comunitárias. A comunidade só voltará a ter relevância na vida de nossa gente a ponto de constatar o poder do crime organizado, se lideranças genuínas, especialmente as mães, tomarem a linha de frente na luta pela vida e pelos direitos do cidadão.

Além do Pronasci, é importante repetir sempre, minha querida Dilma Rousseff, que investiremos, nos próximos quatro anos, 146 bilhões de reais do PAC em habitação e saneamento básico para atender o direito de milhões de brasileiros à água tratada, à coleta de esgoto, à habitação digna, à urbanização de favelas, bem como à transferência de habitações em áreas de risco. Quero destacar que as 11 áreas metropolitanas contempladas pelo Pronasci também serão beneficiadas pelas obras do PAC, o que significa maior segurança para esses espaços urbanos.

Não é por acaso que isso acontece quando a nossa economia vive um sólido processo de expansão, protegida das turbulências externas, com reservas superiores a 160 bilhões de dólares. Sabemos muito bem que o crescimento é indispensável para acelerar a inclusão social, mas aprendemos, com as iniquidades do passado, que ele não é suficiente para corrigir desequilíbrios seculares, dos quais a violência é o efeito colateral que se projeta com perversa autonomia sobre o conjunto da sociedade. O Pronasci vai tratar a violência urbana com a mão firme do Estado e a convicção democrática de que é preciso reverter a exclusão de muitos se quisermos viver num país de todos.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria pedir a todos que estão aqui, pessoas envolvidas direta e indiretamente com a questão da segurança pública... Nós, mais do que um programa de segurança pública, mais do que uma polícia eficiente, mais do que uma polícia que não tem medo de enfrentar o crime organizado, estamos investindo em inteligência e estamos apostando todas as nossas fichas de que é possível recuperar a parte da juventude brasileira que já andou meio desencaminhada. Nós temos consciência de que se não envolvermos a

sociedade, se não envolvermos os pais, se não envolvermos o tio, o irmão, se eles não estiverem convencidos a construir a parceria conosco, nós, certamente, teremos muito mais dificuldades em vencer essa batalha.

Eu, há muito e muito tempo, aprendi que determinado tipo de comportamento do ser humano a gente não resolve com pancadaria, a gente não resolve mais com cacetete, a gente não resolve com celas cada vez mais apertadas e com tempo cada vez maior de cadeia. Eu acho que grande parte dos problemas que nós temos no Brasil, nós iremos resolvendo na medida em que aumente, sobretudo, a oferta de oportunidades pelas prefeituras, pelos estados e pelo governo federal. Na hora em que esses milhões de jovens perceberem que haverá oportunidade para seguirem um outro caminho, certamente todos nós ganharemos muito mais.

Meu querido ministro Tarso Genro e sua equipe, vocês procuraram trabalho e têm trabalho. Agora, é tornar esse grande projeto chamado Pronasci realidade, para que o povo brasileiro tenha razão de confiar no Brasil e no governo.

Um grande abraço e boa sorte.